



Tocar ou não as chagas do Crucificado/Ressuscitado: uma leitura pragmalinguística de Jo 20,24-29

To touch or not to touch the wounds of the
Crucified/Resurrected: a pragmalinguistic reading
of John 20,24-29

*Adriano Lazarini Souza dos Santos**

PUC-SP

*Benedito Antônio Bueno de Almeida***

PUC-SP

*Gilvan Leite de Araújo****

PUC-SP

Resumo: O artigo aprofunda a compreensão da passagem bíblica de João 20,24-29, que narra o encontro entre Jesus ressuscitado e Tomé, através da

* Doutorando em Teologia Bíblica pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (PUC-SP); Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Presbítero da Arquidiocese de Cascavel (PR) Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa, no CNPq, Leitura Pragmática Linguística das Sagradas Escrituras – LEPRALISE.

E-mail: adrianoadrn@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4326055609837840>.
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5764-2109>.

** Doutorando em Teologia Bíblica pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (PUC-SP); Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (PUC-SP); Religioso paulino (SP) Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa, no CNPq, Leitura Pragmática Linguística das Sagradas Escrituras – LEPRALISE.

E-mail: benedito.antonio@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2712883251853760>.
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4173-6976>.

*** Pós Doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2017); Mestrado (2002) e Doutorado (2007) em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tommaso D'Aquino – Roma. Chefe de Departamento da Faculdade de Teologia da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura Joanina – LIJO. Diretor do Instituto Superior em Filosofia Sede da Sabedoria da Diocese de Osasco – IFISS. Vice-Reitor do Seminário Maior de Teologia da Diocese de Osasco.

E-mail: glaraujo@puccsp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0731752456772224>. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5387-2281>.





abordagem pramalinguística. A abordagem pramalinguística, que emergiu no contexto da virada linguística do século XX, reintroduziu no debate acadêmico a importância de integrar os aspectos sincrônicos e diacrônicos do texto. Isso permitiu que se respeitasse a autonomia da obra literária enquanto texto, enquanto, simultaneamente, valorizava-se a dimensão comunicativa ao envolver o leitor no jogo linguístico e comunicativo que o texto propõe. A necessidade de expandir os métodos de interpretação bíblica começou a ser reconhecida a partir da década de 1960, quando se percebeu que as análises focadas na intencio autoris haviam se tornado limitadas. Dado o caráter intrinsecamente comunicativo da Bíblia, surgiu a demanda por novos métodos e abordagens que favorecessem a exploração contínua de sua riqueza de significados perenes. Ao analisar a linguagem em seu contexto de uso, a presente pesquisa valida como a interação entre os personagens e a estrutura textual moldam a compreensão da fé e da dúvida. A pragmática demonstra que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta para construir significados e influenciar as ações das pessoas. As palavras de Jesus, expressas em comandos e declarações, possuem um poder transformador, levando Tomé e outros personagens a agir de determinada forma. A história de Tomé, inicialmente incrédulo, serve como um modelo para compreender a jornada da fé. Ele impõe a condição de tocar nas chagas do Crucificado/Ressuscitado para acreditar. A análise pragmática demonstra que a fé não é apenas uma crença intelectual, mas uma experiência vivida que se manifesta através da linguagem, das ações e das relações interpessoais. A comunidade cristã, por sua vez, com base no testemunho apostólico, desempenha um papel crucial na formação da fé e na transmissão da mensagem de Jesus. Ele não se revela ao “mundo”, segundo a linguagem joanina, mas dentro da comunidade daqueles que vivem a nova realidade do amor, ensinada e realizada pelo próprio Senhor.

Palavras-chave: *pramalinguística; tocar; fé.*

Abstract: *The article delves into the understanding of the biblical passage John 20:24-29, which narrates the encounter between the resurrected Jesus and Thomas, through the pramalinguistic approach. Emerging from the linguistic turn of the 20th century, this approach reintroduced into academic debate the importance of integrating the synchronic and diachronic aspects of the text. This integration allows for respecting the autonomy of the literary work as a text while simultaneously emphasizing the communicative dimension by engaging the reader in the linguistic and communicative interplay proposed by the text. The need to expand biblical interpretation methods began to be recognized in the 1960s when it was realized that analyses focused on the intencio autoris had become limited. Given the Bible's intrinsically communicative nature, there emerged a demand for new methods and approaches that would foster the continuous exploration of its enduring richness of meaning. By analyzing language within its context of use, this research validates how the interaction between characters and the textual structure shape the understanding of faith and doubt. Pragmatics demonstrates that language is not merely a means of communication but also a tool for constructing meanings and influencing people's actions. The words of Jesus, expressed in commands and declarations, hold transformative power, leading Thomas and other characters to act in specific ways. Thomas's story, as*



one who initially doubts, serves as a model for understanding the journey of faith. He sets the condition of touching the wounds of the Crucified/Risen in order to believe. Pragmatic analysis shows that faith is not merely an intellectual belief but a lived experience manifested through language, actions, and interpersonal relationships. The Christian community, in turn, based on apostolic testimony, plays a crucial role in shaping faith and transmitting Jesus's message. According to Johannine language, Jesus does not reveal Himself to the "world" but within the community of those who live the new reality of love, taught and realized by the Lord Himself.

Keywords: *pragmalinguistics; touch; faith.*

Introdução

“O importante é não deixar de questionar. A curiosidade tem sua própria razão de existir” (Einstein *in* Setzer, 2024, p. 1). Este aforismo de Albert Einstein pode muito bem ser aplicado no terreno religioso, onde há o anseio por um substrato fixo, estável, quiçá eterno onde ancorar a existência. Mesmo neste âmbito da fé, perguntar não constitui uma ofensa ou uma heresia proferida contra o edifício da Revelação divina. Como afirmara S. Gregório Magno, “a Escritura cresce com quem a lê”¹. O processo de leitura, se bem orientado, leva à formulação de perguntas ao texto bíblico com o intento de aprofundar na compreensão do mesmo, num processo de encontro e interação com o leitor atual.

Este artigo é fruto do questionamento haurido do texto de Jo 20,24-29, popularmente conhecido como o encontro de Jesus Ressuscitado com o apóstolo Tomé. Tendo recebido o anúncio por parte dos outros discípulos de que o Senhor estava vivo, Tomé impôs condições: “Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não creerei” (Jo 20,25). Passados oito dias, Jesus aparece aos discípulos e Tomé está presente. O Senhor desafia Tomé a realizar as condições que ele mesmo colocara, contudo, o texto silencia, deixa o leitor num vácuo quanto à possibilidade de Tomé ter ou não tocado as chagas do Ressuscitado.

As representações artísticas, inspiradas no texto evangélico, igualmente fornecem respostas díspares sobre este questionamento. Duccio, em obra de 1308, intitulada “*A incredulidade de São Tomé*” e Guercino, em tela de 1621, com denominação homônima, retratam Tomé tocando ainda que superficialmente a chaga do lado de Cristo. Caravaggio, por

¹ “*Divina eloquia cum legente crescunt*”: S. Gregório Magno, *In Ezequiel*, I, VII, 8: PL 76, 843.



sua vez, traz um extremo realismo pictórico, ao representar o apóstolo introduzindo metade do dedo dentro da chaga do costado de Jesus na pintura em tela “*A dívida de Tomé*”, de 1599. Numa obra mais recente, de 2015, Carl Heinrich Bloch, em “*The doubting Thomas*”, retrata o personagem Tomé de joelhos diante do Senhor Ressuscitado, não ousando sequer olhar para ele. Quem foi assertivo no que representou? Tomé tocou ou não as chagas do Ressuscitado conforme ele próprio impusera como condição para crer? Quais indícios são mais condizentes, tendo em vista também a teologia do evangelho segundo João a respeito da tríade ver-tocar-crer? É o que tentar-se-á elaborar nas páginas seguintes, tendo como referencial metodológico a abordagem pramalinguística, que conduz a análise exegética a partir do potencial de sentido oferecido pelo texto ao leitor atual, que coopera ao entrar no pacto da estratégia literária do autor implícito. Além disso, o texto evangélico é contemplado pela pramalinguística como prenhe de performatividade, ou seja, capaz não apenas de comunicar informações, mas também de conduzir ou sugerir pautas de ação através da palavra para realidades tais como espiritualidade, ética e moral.

1 Contexto, cotexto e estrutura narrativa da perícopre

A fé e a descrença são preocupações centrais no evangelho segundo João, e um aspecto importante dessa questão é a conexão entre a fé e a visão dos sinais. No primeiro sinal realizado por Jesus em Caná da Galileia, o evangelista conclui: “Esse foi o princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou sua glória, e os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11).

De modo geral, o evangelho segundo João utiliza a palavra “sinal” para se referir aos milagres de Jesus, enquanto nos sinóticos os mesmos são caracterizados como *dýnamis*, com o significado de “atos poderosos”. Além disso, enfatiza-se a conexão entre as narrativas dos sinais realizados por Jesus e os discursos que as acompanham.

O sentido dos atos extraordinários de Jesus, conforme São João, é duplo. Por um lado, como gesto prodigioso de Jesus, convida o homem a uma penetração do mistério de Jesus que se aproxima dos homens. [...] Mas existe um outro sentido, o mais específico do evangelho de João: em Jesus já se realiza a plenitude da salvação” (Tuñí; Alegre, 2007, p. 36-37).



Nesse sentido, o sinal conduz ao crer, um processo cujo resultado é a fé. O ato de crer permite, em última análise, uma identificação com a própria pessoa de Jesus, algo que a relativa objetificação do ver dificilmente suscita. Trata-se de entrar no tempo e no espaço do Ressuscitado, até que este viva no crente. E vice-versa, o crente pode viver totalmente, no sentido mais forte do termo, “em nome de Jesus” (20,31) (Simoens, 2000, p. 818).

Jo 20,24-29 está situado em um ponto crucial e culminante do evangelho, no contexto das aparições de Jesus ressuscitado. Esta passagem ocorre após a ressurreição de Jesus, durante suas aparições aos discípulos, e desempenha papel significativo na narrativa, particularmente em relação à fé e à crença.

O texto, de acordo com a proposta de Fabris e Maggioni (2006, p. 258-259), faz parte do assim denominado “livro da glorificação”, conforme a estrutura abaixo na tessitura da obra joanina: 1) O prólogo (1,1-18) – que serve de abertura ao evangelho; 2) O livro dos sinais (1,19-12,50) – onde os sinais realizados por Jesus revelam sua identidade; 3) O livro da glorificação (13,1-20,31) – que enfoca a paixão, morte, ressurreição e glorificação de Jesus; 4) Epílogo (21,1-25). João 20,24-29 faz parte deste “Livro da Glória”, mais especificamente na narrativa da ressurreição.

Os primeiros sinais realizados por Jesus no início do quarto Evangelho mostram que, no caminho do discipulado, o crer se manifesta na obediência. Todo discípulo que crê (πιστεύων) já passou da morte para a vida (5,24), mas ainda resta uma condição para a imortalidade: se alguém guardar a sua palavra (ἐάν τις τὸν ἐμὸν λόγον τηρήσῃ), essa pessoa nunca morrerá (8,51). Crer de maneira contínua assume a forma de guardar a palavra (Rainbow, 2014, p. 314). O oposto joanino de crer é desobedecer (ἀπειθέω), que conduz à morte (3,36).

A cristologia tem importância central na estrutura do evangelho segundo João. Após o prefácio cristocêntrico (1,1-2,11), o autor distingue o chamado livro dos sinais de Jesus (2,1-12,50), onde a narração das bodas de Caná é uma seção de transição, e o denominado “livro da hora de Jesus” (11,1-20,29), onde 11,1-12,50 forma uma seção de transição. Segue-se a conclusão cristocêntrica em Jo 20,30-31 e um epílogo em 21,1-25.

João utiliza referências de espaço e tempo no texto, além de sinais de estruturação em sua obra. Na estratégia narrativa, ele incorpora elementos topográficos e cronológicos, destacando as peregrinações de



Jesus a Jerusalém, que estão ligadas às principais festas judaicas. Dessa maneira, o ciclo anual das festas litúrgicas judaicas de peregrinação é integrado na estrutura básica do macro-relato (Beutler, 2016, p. 14). Entre os capítulos 2,13 e 11,55, Jesus se dirige a Jerusalém em quatro ocasiões: na primeira Festa da Páscoa (2,13), em uma festa não especificada (5,1), na Festa das Tendias (7,2) e na última Festa da Páscoa (11,55; 12,1; 13,1).

A aparição de Jesus a Tomé é a última história em uma série de três aparições após a ressurreição. Assim como na aparição a Maria Madalena, o encontro com Tomé é pessoal. Ambos os personagens passam da incerteza para a fé, ambos desejam tocar o corpo ressuscitado, ambos fazem exclamações vocativas de reconhecimento, e ambas as declarações de reconhecimento vêm após Jesus demonstrar conhecimento dos personagens. A declaração de testemunho que encerra a perícopes de Maria, “Eu vi o Senhor” (20,18), encontra eco na declaração que abre a cena de Tomé, “Nós vimos o Senhor” (20,24).

O relato segue uma ordem cronológica clara. Primeiro, no amanhecer do primeiro dia da semana², Jesus aparece a Maria Madalena. Na tarde do mesmo dia, Ele se revela novamente aos discípulos, que estão reunidos a portas fechadas. Oito dias depois, a cena se repete, agora com a presença de Tomé. Essa estrutura cronológica organiza a passagem em três cenas sequenciais para os leitores (Tilborg, 2005, p. 408).

O cotexto imediato³ são as três micronarrativas precedentes: a perícopes introdutória (20,1-10), iniciando a cronologia do primeiro dia da semana com o relato do sepulcro vazio, construindo o cenário da narrativa da ressurreição de Jesus. Na sequência, a voz do narrador insere os personagens: Maria Madalena, Simão Pedro e o outro discípulo.

A primeira cena, descrita em 20,11-18, apresenta Madalena na mesma situação inicial (20,1-2.11-13) e descreve seu encontro com Jesus;

² “O fato de João mencionar o primeiro dia da semana momento no início de ambas as cenas deste capítulo, e que situa a aparição a Tomé exatamente uma semana depois (v. 26), sugere que a sua apresentação pode ter sido influenciada pelo costume cristão de celebrar a Eucaristia no primeiro dia da semana (At 20,7; 1Cor 16,2)” (Brown, 2005, p. 1282).

³ “Trata-se de uma categoria de âmbito sintático, propriamente uma seleção dentro de uma obra literária; uma unidade textual delimitada por vistosas interrupções de comunicação. Tal seleção não apenas fornece a proporção adequada, mas também a compreendida textualmente para a compreensão do segmento examinado. Mesmo que em âmbito narrativo o cotexto seja sempre tendencialmente amplo, ele é variável segundo o nível de análise empreendido: um trecho, uma seção, uma parte etc” (Guidi, 2020, p. 75).



o primeiro dia alude à realidade da nova criação a partir da ressurreição de Jesus.

A segunda cena (20,19-23), interligada com a primeira, descreve o encontro de Jesus com os discípulos. Também está situada no primeiro dia, mas à tarde, de acordo com o simbolismo pascal predominante. Apresenta, ao lado do tema da nova criação (20,22), a infusão do Espírito como o dom do Ressuscitado aos seus discípulos.

O encontro de Tomé com o Senhor compõe a terceira cena (20,24-29). Partindo da incredulidade de um discípulo, que reflete a incredulidade inicial da comunidade (20,1-10), descreve a presença de Jesus entre os seus, Tomé posteriormente professa a fé e abre o horizonte futuro à bem-aventurança pronunciada por Jesus: “μακάριοι οἱ μὴ ἰδόντες καὶ πιστεύσαντες” (Bem-aventurados os que não viram e creram – Jo 20,29). Esta parte e toda a atividade anterior de Jesus terminam com uma afirmação do evangelista (20,30-31), que encerra os episódios de sua vida, morte e ressurreição e anuncia o propósito da obra.

A unidade do relato se estabelece pelo fato de as três cenas narradas conterem muitas referências recíprocas. A cena central atua como uma dobradiça narrativa, conectando tanto a primeira quanto a terceira cena. Narrativamente, o que ocorre na cena central é descrito como acontecendo no mesmo dia da primeira cena e, em termos de conteúdo, continua o mesmo tema: a presença do Ressuscitado na comunidade dos discípulos. Por isso, a primeira e a segunda cena são consideradas relatos paralelos. O mesmo se aplica à relação entre a segunda e a terceira cena. Elas compartilham um vínculo temporal e espacial semelhante, com todos os discípulos novamente reunidos a portas fechadas. Assim, a segunda e a terceira cena oferecem uma dupla perspectiva. João utiliza essa técnica de forma complexa para vincular suas histórias entre si (Tilborg, 2005, p. 409).

O relato do encontro do Senhor com Tomé, figura de fé pascal (Vignolo, 1994, p. 53), é a cena conclusiva de Jo 20. A voz do narrador menciona que Tomé não estava presente quando o Senhor se colocou no meio de seus discípulos. A ausência temporária de Tomé ressalta a importância de sua aparição e de seu papel na narrativa⁴.

⁴ “Diz respeito à estratégia da reticência, bem conhecida na narrativa evangélica, segundo a qual o narrador se reserva o direito de apresentar certos personagens apenas no momento estrategicamente decisivo, visando a construção do enredo, do próprio personagem e, conseqüentemente, também do seu leitor” (Vignolo, 1994, p. 54).



O tempo desempenha igualmente papel crucial na ordenação da narrativa. João menciona que passaram oito dias sem eventos notáveis, o que chama atenção, considerando que é a primeira semana após a Páscoa. Os limites da perícope são facilmente identificáveis pelo foco em Tomé, destacado entre os Doze. A referência no versículo 24a, que menciona a vinda de Jesus, claramente remete ao episódio anterior (vv. 19-23) como um evento passado distinto, marcando assim o início de uma nova perícope. Embora a mudança temporal de cena só ocorra no v. 26, a unidade dos vv. 24-29 é fortemente sugerida pelo paralelismo entre o v. 25b e o v. 27, enfatizado pelo léxico que mantém o foco em Tomé.

A narrativa é construída com os elementos essenciais deste gênero literário, o teológico-narrativo. O enredo claramente se refere à experiência da ressurreição. E assim segue o padrão geral de tais histórias, incluindo a incerteza inicial ou incredulidade da testemunha, a revelação de Jesus ressuscitado, seguida pelo reconhecimento e confissão. Um aspecto particular ocorre no v. 29, com a declaração de Jesus que conclui o episódio de Tomé, a qual carrega as marcas da tradição sinótica (Beutler, 2016, p. 14). E a voz do narrador cede lugar para que os interlocutores possam ouvir a bem-aventurança proclamada pelo Senhor.

2 Aspectos formais e literários da comunicação

Quadro 1 – Jo 20,24-29 – Distribuição da Comunicação

Pano de fundo	Primeiro plano	Discurso Di- reto	Vers.	Tradução
Θωμάς δὲ εἰς ἐκ τῶν δώδεκα, ὁ λεγόμενος Δίδυμος,			24a	Tomé, porém, um dos Doze, chamado Dídimo,
οὐκ ἦν μετ' αὐτῶν			24b	não estava com eles
ὅτε ἦλθεν Ἰησοῦς.			24c	quando Jesus veio.
	ἔλεγον οἱ ἄλλοι μαθηταί·		25a	Os outros discípulos, então, diziam-lhe:
		ἑωράκαμεν τὸν κύριον.	25b	“Vimos o Senhor!”
	ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς·		25c	Ele, porém, disse-lhes:



		ἐὰν μὴ ἴδω ἐν ταῖς χερσὶν αὐτοῦ τὸν τύπον τῶν ἥλων	25d	“Se eu não vir nas mãos dele a marca dos cravos
		καὶ βάλω τὸν δάκτυλόν μου εἰς τὸν τύπον τῶν ἥλων	25e	e puser o meu dedo na marca dos cravos
		καὶ βάλω μου τὴν χεῖρα εἰς τὴν πλευρὰν αὐτοῦ,	25f	e puser a minha mão no seu lado
		οὐ μὴ πιστεύσω.	25g	de modo nenhum acred- itarei”.
Καὶ μεθ’ ἡμέρας ὀκτῶ πάλιν ἦσαν ἔσω οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ Θωμᾶς μετ’ αὐτῶν.			26a	E oito dias depois, estavam os discípulos novamente reunidos no recinto e Tomé estava com eles.
	ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς		26b	Veio Jesus,
	τῶν θυρῶν κεκλεισμένων		26c	estando trancadas as portas,
	καὶ ἔστη εἰς τὸ μέσον		26d	pôs-se no meio deles
	καὶ εἶπεν·		26e	e disse:
		εἰρήνη ὑμῖν.	26f	“Paz a vós!”
	εἶτα λέγει τῷ Θωμᾶ·		27a	Disse, então, a Tomé:
		φέρε τὸν δάκτυλόν σου ᾧδε	27b	“Põe o teu dedo aqui
		καὶ ἴδε τὰς χεῖράς μου	27c	e vê as minhas mãos
		καὶ φέρε τὴν χεῖρά σου	27d	move a tua mão
		καὶ βάλε εἰς τὴν πλευρὰν μου,	27e	e põe-na no meu lado
		καὶ μὴ γίνου ἄπιστος ἀλλὰ πιστός.	27f	e não sejas incrédulo, mas crente.”
	ἀπεκρίθη Θωμᾶς		28a	Tendo respondido Tomé



	καὶ εἶπεν αὐτῷ·		28b	disse-lhe:
		ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου.	28c	“Meu Senhor e meu Deus!”
	λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς·		29a	Disse-lhe Jesus:
		ὅτι ἐώρακάς με	29b	“Porque viste-me,
		πεπίστευκας;	29c	creste.
		μακάριοι οἱ μὴ ιδόντες	29d	Bem-aventurados os que não viram
		καὶ πιστεύσαντες.	29e	e creram!”

Fonte: Os autores do presente artigo, com auxílio do software Bibleworks, versão 10. Versão da Bíblia Grega utilizada NA28. Tradução em português proposta pelos autores.

O pano de fundo da narrativa (*background*) se faz presente nas sequências 24 a/b/c e 26a. “De acordo com Guidi (2020, p. 80), aqui se encontram todos os elementos que não pertencem ao primeiro plano da ação, como o antecedente e todos os pressupostos necessários para a compreensão do fato proeminente que move o relato”. Nele predominam duas formas verbais no indicativo imperfeito, característicos deste tipo de construção sintática. “O imperfeito é a forma de fundo do grego. De fato, segundo a teoria comum, este indica continuidade, hábito, repetição, que são aspectos típicos da descrição ou do comentário” (Nicacci, 1992, p. 87).

Embora a narrativa inicie com a expressão verbal λεγόμενος (20,24a) referente a Tomé, enquanto particípio presente passivo em função de aposto ou predicativo de sujeito oracional, o ritmo descritivo do pano de fundo é determinado pelo verbo ἦν, indicativo imperfeito ativo de εἰμί, o qual revela a ausência de Tomé com o grupo que recebeu a aparição de Jesus Ressuscitado. Por sua vez, na sequência 26a, o verbo no indicativo imperfeito ativo ἦσαν faz o relato fluir para a perspectiva de um segundo encontro, quando agora Tomé é sinalizado como integrante do grupo de discípulos reunidos no mesmo local, oito dias depois da primeira aparição.

O primeiro plano, enquanto focalização narrativa, traz a fábula como sequência das ações principais de um relato, as quais não podem ser omitidas. Aparecem geralmente mediante o indicativo aoristo ou o



presente histórico⁵. O aoristo, considerado o ato verbal em essência, expresso pelo tema verbal puro, em português é representado pelo presente simples, sem acréscimo das noções de duração, hábito ou continuidade do ato verbal. Ele traz à luz verdades gerais, sendo por isso também chamado aoristo gnômico (Murachco, 2001, p. 234-235). Na perícopes em estudo, o uso do aoristo no primeiro plano assinala ações pontuais dos personagens envolvidos: εἶπεν (disse – 25c [Tomé], 26e [Jesus], 28b [Tomé]), ἔσθη (pôs – 26d [Jesus]) e ἀπεκρίθη (respondeu – 28a [Tomé]). Igualmente, o presente histórico é empregado três vezes (ἔρχεται – veio – 26b [Jesus]); λέγει – disse – 27a [Jesus], 29a [Jesus]) com função similar.

O discurso direto, que são as vozes dos personagens da narrativa, está presente nas sequências 25 b (perfeito do indicativo), 25 d-g (aoristo do subjuntivo), 27 b-f (imperativo presente e aoristo), 29 b-c (perfeito do indicativo) e 29 d-e (aoristo do particípio). As principais seções que contribuem para a estruturação do relato serão comentadas a seguir. Em 25 d-g, numa fala de Tomé, empregando o aoristo do subjuntivo, o discurso está fundamentalmente articulado em chave condicional com a exigência de uma ação a ser consumada em sua totalidade. “Estes usos têm um elemento comum pelo fato de tenderem a pôr em relevo a atitude mental do agente de uma ação, ou da atitude de um agente diante de uma realidade, mesmo quando essa realidade não está sob o controle do agente (e.g., em determinados tipos de condição)” (Swetnam, 2002, p. 39). Em 27 b-f, Jesus responde às exigências de Tomé e suas falas alternam verbos no imperativo presente e aoristo. O imperativo, como é bem sabido, “exprime a mensagem direta, o gancho do diálogo, o chamamento e também, subsidiariamente, a ordem” (Murachco, 2001, p. 269).

Já no final da perícopes, em 29 b-c, utiliza-se o perfeito do indicativo, trazendo a ideia de uma ação plenamente realizada por Tomé (viste, creste). Na seção 29 d-e, conclui-se a narrativa com a fala de Jesus empregando por duas vezes verbos no particípio aoristo. Este tempo verbal “não exprime uma ideia de tempo absoluto, mas um tempo

⁵ “Numa narração que representa os fatos de forma viva, como se o narrador estivesse presente, o presente pode substituir o indicativo aoristo, enquanto a qualidade da ação, apesar da forma presente, permanece majoritariamente pontual. Este presente histórico é frequente, como nos autores clássicos, também nos escritores do Novo Testamento, especialmente em Marcos; Lucas, em vez disso, quase sempre o evita, provavelmente porque lhe parece vulgar. É principalmente a ação principal, enquanto as circunstâncias mais marginais, ou em geral o que é acessório, são expressas com as formas temporais do passado e mesmo os eventos conclusivos ainda estão no aoristo” (Blass; Debrunner, 1997, p. 403).



relativo, isto é, a anterioridade em relação ao verbo principal, qualquer que seja o tempo deste” (Murachco, 2001, p. 276). A seção 29 d-e depende dos verbos controladores já previamente lançados na seção 29 b-c. “O particípio aoristo geralmente denota o tempo antecedente ao do verbo controlador” (Wallace, 2000, p. 267). Assim, a sentença conclusiva avalia positivamente os contemporâneos que não viram, mas creram.

3 A coerência comunicativa

Tomé, dentro do evangelho de João, é apresentado como figura da fé cristológica, personificando dramaticamente a transição da dúvida para a fé, do ver para o crer (Moltmann, 2014, p. 341). “Wilckens (2002, p. 394), considera-o representante dos discípulos do tempo pós-pascal, aos quais a ressurreição é proclamada por aqueles que a testemunharam diretamente”. O perfil de Tomé, contudo, não é facilmente enquadrável num estereótipo estático. “A posição de Tomé é, portanto, objetivamente complexa e não rigidamente unívoca” (Vignolo, 1994, p. 73). Vignolo vê esta personagem ser construído por João sob uma forma de evolução parabólica. “Todo o seu perfil de discípulo se constrói numa parábola que primeiro vai diminuindo e depois aumentando, numa surpreendente ascensão final (20,28-29)” (Vignolo, 1994, p. 55).

Em 11,16 Tomé manifesta plena solidariedade a morrer com Jesus diante das ameaças dos judeus, atitude que talvez lhe valha o aposto “Gêmeo” (Δίδυμος). “Julga, porém, que a morte é o fim de tudo, não sabe que Jesus é a passagem para o Pai (13,1)” (Mateos; Barreto, 2005, p. 269). Outros autores, como por exemplo “Simoens (2000, p. 815), preferem ver nesta expressão o símbolo de um discípulo em situação precária no que tange à fé”. “Vignolo (1994, p. 56), contudo, caracteriza Tomé nesta perícopes como tendo uma forte solidariedade cristológica e autonomia discipular”, solidariedade esta de cunho trágico e sem o devido conhecimento. Em 14,5 ao dizer: “Senhor, não sabemos aonde vais. Como podemos conhecer o caminho?”, Tomé admite que nada sabe sobre a meta do caminho de Jesus. Consequentemente, seu perfil manifesta regressão em razão desta problemática⁶.

⁶ “Tanto em 11.16 como em 14.5, Tomé mostra uma atitude cética, mas não há nenhuma evidência que sustente a inferência de Bernard (II, 681) segundo a qual o pessimismo manteve Tomé afastado da reunião de discípulos na noite de Páscoa. Na tradição apócrifa, Tomé beneficiou-se de revelações maravilhosas. No Evangelho de Tomé, capítulo 13, Tomé professa a Jesus: ‘A minha boca não pode dizer com quem tu te



Um novo retrocesso transluz em 20,24, quando o narrador informa que Tomé, um dos Doze, nem mesmo estava reunido com o grupo apostólico por ocasião da primeira aparição de Jesus. Por que ele não estava lá? O texto cede lugar à eloquente lacuna do silêncio para suscitar a reflexão. “Talvez Maggi (2013, p. 181), faça uma avaliação excessivamente heroica ao afirmar que Tomé não estava em casa refugiado, pois tinha em si a coragem de morrer pelo Mestre”. “Já Vignolo (1994, p. 60), intui nesta ausência um resfriamento em relação a Jesus e seu projeto. A ausência de Tomé no primeiro encontro pós-pascal dá a perceber, em todo caso, seu distanciamento em relação à causa de Jesus, que o havia encantado”.

Desta factível situação, o caminho em trajetória parabólica de Tomé começará a dar indícios de subida em 20,25, quando diante do anúncio do querigma, imporá condições para crer. Oito dias depois, será confrontado pelo Ressuscitado, exortado a crer e manifestará seu ápice de fé cristológica com a expressão: “Meu Senhor e meu Deus!” (v. 28). Tomé faz a complexa transição de ouvinte incrédulo do querigma para a condição de crente na Palavra. Talvez João queira inserir aqui uma chave de leitura em perspectiva abraâmica da fé. “A verdadeira fé nasce dando crédito, antes de mais nada, à palavra de Jesus como ela é, capaz de produzir sinais salvíficos e de integrar, ou melhor, subordinar, a visão dos sinais à escuta vivificante deles (5,25; 6,63,68; 8,51; 11,40)” (Vignolo, 1994, p. 70).

No que tange à perícopie em análise neste artigo, a coerência das partes deste texto é estabelecida pela semântica dos verbos **ὄραω** (ver) e **πιστεύω** (crer), de uso peculiar joanino. O primeiro campo semântico aparece sob as formas do segundo aoristo εἶδov, cobrindo todos os sentidos da visão, desde o ordinário ver até à percepção do Ressuscitado (20,20.25.29). Também, enquanto visão ou experiência pessoal e imediata, utiliza-se o perfeito ἐώρακάς (20,18.25.29). Os verbos de visão igualmente são empregados em sentido metafórico para se referir a uma experiência não visual. A visão de Jesus morto-exaltado que é passível de ser observada na sua condição de ressuscitado é expressa sob esta propriedade (Mateos; Barreto, 2005, p. 291).

Quanto ao segundo, **πιστεύω** indica o ato de “acreditar que algo é verdadeiro e, por conseguinte, confiável ou digno de confiança” (Louw; Nida, 2013, p. 332). Trata-se de “crer a ponto de ter confiança e segurança

assemelhas’. Em resposta, Jesus elogia Tomé por beber da sua fonte cintilante e diz três palavras inefáveis a Tomé” (Brown, 2005, p. 1290).



total em alguém que se suponha possuir as qualidades atribuídas” (*Idem*, p. 337). Em âmbito especificamente cristão, refere-se a “acreditar na boa notícia a respeito de Jesus Cristo e tornar-se um seguidor” (*Idem*, p. 339). Embora João não utilize o substantivo **πίστις** (fê) em seu evangelho, em 20,27 enfatiza a contraposição entre a condição de crente e incrédulo pelo uso dos adjetivos **πιστός** e **ἄπιστος**. De modo geral, pode-se dizer que “o crer joanino tem muito de conhecimento, de penetração no mistério de Jesus” (Tuñí; Alegre, 1999, p. 111).

Segundo Mateos e Barreto (2000, p. 822), a perícope está articulada em três momentos, a saber: 20,24-25 (incredulidade de Tomé); 20,26 (presença de Jesus novamente entre os seus); 20,27-29 (Tomé crê). Tilborg (2005, p. 409) expande o olhar para todo o capítulo 20 e propõe uma estrutura cronológica ordenada em sub-cenas para os leitores: 1) Os acontecimentos no túmulo, pela manhã (20,1-8); 2) Ao entardecer do mesmo dia (20,19-23); 3) Oito dias depois, junto com Tomé (20,24-29) e 4) Sobre a intenção do livro (20,30-31). Brown (2010, p. 155), por sua vez, propõe a articulação do mesmo capítulo em duas grandes cenas, centradas no tema da fé: “1ª cena – o sepulcro (20,1-18) – (a) Pedro e o discípulo amado, que crê; Maria está ausente; (b) Maria, aflita, é conduzida à fé; 2ª cena – o cenáculo (20,19-31) – (a) os discípulos creem; Tomé está ausente; (b) Tomé, incrédulo, é conduzido à fé”.

O versículo 24 serve ao texto a modo de comentário retrospectivo do narrador acerca da primeira aparição de Jesus ao grupo de discípulos e sinaliza a ausência de Tomé, que gerará o elemento de tensão para o episódio seguinte. Por que Tomé não estava lá? “O texto silencia sobre como essa ausência deve ser interpretada” (Vignolo, 1994, p. 59). Tomé não era um discípulo qualquer, mas “um dos Doze” (v. 24a), fato que torna a abstenção ainda mais destacada. “Moloney (2007, p. 468), conjectura ao afirmar que ele não foi informado nem da mensagem de Maria Madalena (vv. 17-18), nem da aparição de Jesus com o mandato confiado aos discípulos (vv. 19-23). Para Tomé, este é o primeiro momento do seu caminho rumo à fé”. Já Vignolo (1994, p. 60), intui nesta ausência uma decepção ou resfriamento em relação à causa de Jesus.

A cena relatada no v. 25 retrata o encontro de Tomé com a comunidade discipular e o anúncio querigmático dirigido a este: “Vimos o Senhor!” “O verbo grego (ἔλεγον), no imperfeito indica a insistência em comunicar a boa nova” (Alday, 2010, p. 502). Igualmente, o verbo ver aqui empregado (ἑώρακαμεν) encontra-se no perfeito do indicativo,



sinalizando uma ação plenamente realizada, mas com a ressonância dos seus efeitos, uma visão plena e real de Jesus (Millos, 2016, p. 1784). Tomé, por sua vez, recusa-se a acreditar neste anúncio e impõe condições para eventualmente fazê-lo. Brown (2005, p. 1299) vê na história de Tomé a dramatização joanina do tema a respeito da dúvida e, ao mesmo tempo, um artifício empregado para destacar a natureza tangível do corpo ressurreto de Jesus. Moloney (2007, p. 468), por sua vez, caracteriza seu paradigma da fé como uma resposta condicionada. Ele está disposto a mudar de opinião sobre a sua descrença apenas com a condição de que Jesus ressuscitado se adapte aos seus critérios”. Eis as condições: ver em suas mãos as marcas dos cravos e tocá-los, pôr a mão em seu lado.

O versículo 26, de modo amplo, faz a urdidura lógica entre os acontecimentos anteriores, Jesus e Tomé. João repete intencionalmente a moldura do primeiro encontro (vv. 19-23), situando-o oito dias após, ou seja, no domingo seguinte, sub-reptícia alusão ao domingo como “o dia escatológico no qual, mediante o dom do Espírito, Jesus torna possível a sua presença duradoura entre os seus discípulos” (Brown, 2005, p. 1281). Dia das assembleias litúrgicas do cristianismo. Jesus põe-se no centro da comunidade ali reunida, saúda-os com a paz e agora vai dirigir-se a Tomé.

Jesus possui uma capacidade de percepção extraordinária e, no v. 27, demonstra-o a Tomé, permitindo-lhe satisfazer suas condições previamente impostas. “Condescendendo com o seu pedido, convida-o a ver as suas mãos e a colocar a mão no lado aberto pela lança” (Alday, 2010, p. 503). Chega-se, então, à questão central deste artigo: Tomé tocou ou não o corpo do Ressuscitado? Seguindo a lógica dos principais temas do evangelho joanino, os autores pesquisados são quase unânimes na afirmação de que Tomé não realizou as condições que impusera. Brown (2005; 2010) justifica pelo fato do personagem representar os cristãos pós-pascais. Tilborg (2005) e Alday (2010) sinalizam nesta não realização a concordância com a confissão de fé joanina. Fabris e Maggioni (2006) e Moltmann (2014) veem nisso a transição das cristofanias ao testemunho. Zumstein (2017), por seu turno, conjectura ser a palavra do Ressuscitado quem faz a fé de Tomé renascer e não o toque em seu corpo glorioso.

Na contramão destas considerações, Schliesser (2017, p.85-89), propôs cinco pistas no evangelho de João que permitem admitir a hipótese



de que Tomé tenha tocado as chagas do Ressuscitado. Em primeiro lugar, os imperativos de Jesus em João sinalizam o conceito teológico segundo o qual quando a ordem de Jesus é obedecida, então os personagens envolvidos chegam a uma maior compreensão. Em segundo lugar, num comparativo entre Maria Madalena e Tomé, percebe-se que ambos querem tocar em Jesus, uma *ex diclitione*, o outro *ex incredulitate*. Maria se torna a primeira testemunha da ressurreição enquanto Tomé, seu primeiro intérprete. Em terceiro lugar, no quesito da constatação do binômio morte-vida, ao perceber que Jesus já estava morto, um dos soldados perfura o lado de Jesus com uma lança para verificar sua morte. Por outro lado, Tomé estende a mão ao lado de Jesus para verificar sua ressurreição e vida. Em quarto lugar, assinala como que uma intensificação da proximidade corporal nas narrativas pascais joaninas. Deste modo, Pedro e o Discípulo Amado somente veem os envoltórios de linho no túmulo vazio, Maria não percebe instantaneamente Jesus e é impedida de segurá-lo, enquanto Tomé não somente vê, mas é instado a tocar as feridas do Ressuscitado. A quinta e derradeira pista elencada por Schliesser invoca a caracterização de João como um teólogo da Palavra, no sentido que ele próprio coloca em seu evangelho: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14). Com isso, advoga que para a teologia joanina, o ver pode se unir aos demais sentidos para o crescimento na fé.

Digno de destaque, na seção 27f, é o emprego a modo exortativo dos adjetivos ἄπιστος (incrédulo) e πιστός (crente). Estas expressões são utilizadas somente aqui nos escritos joaninos, uma vez que o autor prefere o verbo crer (πιστεύω), com 98 ocorrências em João” (Tuñi; Alegre, 1999, p. 109). Da incredulidade para a fé é o itinerário proposto ao leitor, representado iconicamente nesta dramática história de Tomé. “Naturalmente, quem duvida adia a resposta final, caminha para a fé, mas não sem fadiga” (Puig, 2020, p. 654).

E Tomé, enquanto figura da fé cristológica joanina, prorroga na belíssima exclamação: “Meu Senhor e meu Deus!” (28c). É, “segundo Brown (2005, p. 1293), ao mesmo tempo, um vocativo e uma profissão de fé”. Fabris e Maggioni (2006, p. 488), intuem a Liturgia como sendo a fonte desta aclamação de fé. Jesus Ressuscitado identificado com aquele que fora crucificado recebe a aclamação como Senhor e Deus, palavras semelhantes àquelas utilizadas pelo Sl 35,23 para se referir a Deus: “Desperta! Levanta-te pelo meu direito, por minha causa, meu Senhor e meu Deus!”. “A confissão de fé é a culminação da cristologia do Evangelho, visto que reconhece o Jesus crucificado/exaltado como



“Senhor e Deus” (Perkins *in* Brown; Fitzmyer; Murphy, 2015, p. 813). Schnelle (2017, p. 907), vê implícita neste texto joanino a crítica ao imperador romano Domiciano, uma vez que o mesmo se considerava sob os atributos anteriormente citados.

A interação entre Jesus e Tomé se encerra com um macarismo saído da boca do Ressuscitado: “Bem aventurados os que não viram e creram!” (v. 29d/e). “De acordo com Malzoni (2018, p. 309), são proclamados felizes aqueles que não viram e creram (Jo 20,29), ou seja, o Discípulo Amado (Jo 20,8) e todos aqueles que crerão pela palavra dos discípulos. Tomé torna-se assim um exemplo, às avessas, de gerações e gerações de cristãos que crerão à espera da visão do Senhor”. “Segundo explana Simoens (2000, p. 817), esta bem-aventurança não critica nem relativiza a visão de Tomé, mas expressa o que começou a acontecer nas primeiras gerações diretas e se limitou ao passado, mas que tem um significado no querigma da comunidade cristã”. “Wilckens (2002, p. 396), assinala que os verbos ver e crer são empregados no aoristo nesta última sequência, o que indicaria o começar a ser cristão”. De que modo se chega à fé? Mediante o testemunho apostólico. O caminho da fé para os cristãos vindouros deve passar pela purificação que despoja o desejo de ver para o crer baseado na auscultação. É o tempo da Igreja. Deve-se testemunhar. E o relacionamento do cristão com Jesus agora não se limita a uma aparição específica, mas “na anamnese continuamente renovada da história do Jesus terreno sob a orientação do Paráclito” (Zumstein, 2017, p. 952). Neste sentido, reitera Maggi:

Anuncia que a situação dos crentes de qualquer tempo não só não será inferior à dos discípulos aos quais ele apareceu, mas superior, porque todos os que forem capazes de acreditar sem necessidade de ver são proclamados ‘bem-aventurados’, diferentemente dos que acreditaram porque viram (Maggi, 2013, p. 181).

O *locus* para o reconhecimento do Crucificado/Ressuscitado é a palavra vivenciada dentro da comunidade apostólica. Jesus não se revela ao ‘mundo’⁷, segundo a linguagem joanina, mas dentro da comunidade daqueles que vivem na nova realidade do amor ensinado e realizado pelo próprio Senhor (Mateos; Barreto, 2000, p. 827).

⁷ “A humanidade enquanto estruturada em ordem sociorreligiosa inimiga de Deus” (Mateos; Barreto, 2005, p. 201).



4 Focalização pragmática

A presente investigação exegético-teológica adota uma perspectiva pramalinguística, visando desvelar as inter-relações entre forma e conteúdo, bem como os mecanismos de coesão textual e coerência comunicativa presentes no texto em análise. O objetivo central é conduzir os interlocutores a uma leitura pragmática, que privilegia a interação comunicativa e a construção conjunta de significados. Nessa perspectiva, o leitor é convidado a participar ativamente do processo interpretativo. O texto é entendido como um evento comunicativo: o envio e a recepção de mensagens não é simplesmente algo que um faz ao outro, mas um processo que se faz com o outro (Moreno Sanz, 2021, p. 36).

A pragmática da micronarrativa de 20,24-29 dispõe as ações centrais no diálogo de Jesus com Tomé. O dito de Jesus em 20,29 apresenta o ponto central do encontro: “Porque me viste, creste” (Ὅτι ἑώρακάς με, περίστευκας). João não diz que Tomé tocou em Jesus⁸. O texto deixa claro é que Tomé não foi convencido pelo que ouviu, mas pela presença de Jesus e pela sua palavra eficaz. A aparição e a declaração de Cristo superaram a intenção original de Tomé e o transformaram imediatamente em um apóstolo professando a fé em Jesus como seu Senhor e Deus⁹. Portanto, a presença e as palavras do Ressuscitado desencadeiam todas as ações do relato.

O estilo narrativo de João oferece uma importante chave interpretativa do texto. Quando Jesus se dirige a Tomé em 20,27, o verbo φέρω (pôr) está na forma imperativa φέρε. Analisando as ordens de Jesus no Evangelho segundo João, tanto para seus discípulos quanto para os mais distantes, revela que, sem exceção, eles seguem o comando imediatamente (1,39; 6,10; 7,8.10; 11,39.41; 21,6). Trata-se de um “aspecto perlocutório da palavra de Jesus, que pretende produzir fé no discípulo incrédulo” (Vignolo, 1994, p.76). Isto é, a experiência e o diálogo com Jesus resultam em sua plena confissão de fé, transformando-o de cético a crente. Este é o efeito desejado por João.

⁸ “Não se diz que Tomé tocou Jesus. Se ele tivesse agido assim, significaria provavelmente que ele permaneceu na descrença. Ao contrário, sua disposição de crer sem tocar é fé genuína, com o irônico resultado de que aquele que representava a descrença profere agora a mais alta confissão cristológica nos evangelhos: ‘Meu Senhor e meu Deus!’” (Brown, 2004, p. 490).

⁹ Meu Senhor e meu Deus! – “A expressão, conforme empregada por João é, ao mesmo tempo, um vocativo e uma profissão de fé” (Brown, 2005, p. 1293).



Se Tomé não tocou o Senhor, isso constitui uma exceção no Quarto Evangelho. No evangelho de João, a caracterização de Jesus revela que seus convites para agir frequentemente têm a força de comandos. Seguindo a teoria dos atos de fala, Jesus realiza todos os atos diretivos da narrativa. A prontidão com que seus comandos são cumpridos ilustra não apenas uma técnica narrativa de João, mas também um conceito teológico: os personagens que seguem a vontade de Jesus acabam por compreender a singularidade de sua identidade e missão.

Não é por acaso que nas cenas do capítulo 20, Maria Madalena e Tomé são apresentados como paradigmas de discípulos (as) de Jesus. Maria Madalena tende a mantê-lo para si, e Tomé deseja tocá-lo. Tanto Maria quanto Tomé seguem as diretivas de Jesus, ambos experimentam uma transformação radical. A tristeza de Maria e a dúvida de Tomé são superadas porque os dois veem o Senhor (20,18.29).

A incredulidade e o tocar de Tomé têm um papel muito importante na experiência da ressurreição de Jesus Cristo no Evangelho segundo João. Ele “representa a tendência do homem a fechar-se ao mistério; não é fácil ver os sinais da presença de Deus no mundo” (Martini, 1990, p. 113). Tomé fala e age em nome dos leitores implícitos que ainda não conseguiram se situar na luz da Páscoa e, portanto, ainda lutam para entender existencialmente o significado da cruz. Portanto, João dá espaço à dúvida de Tomé, aceita seu pedido de tocar as feridas do Senhor, ilustra a empatia de Jesus, faz com que Tomé compreenda o significado da morte de Jesus e coloca em sua boca uma das mais elevadas confissões de fé.

A declaração de Tomé, “Meu Senhor e meu Deus!” (20,28), é um dos ápices do texto. “Martini (1990, p. 113-114), vê aqui a bem-aventurança da fé para aqueles que, como Tomé, conseguem abrir os olhos aos sinais da presença de Deus na nossa vida como é”. Esta confissão é pragmática, porque vai além do simples reconhecimento. É uma declaração performativa que altera a relação de Tomé com Jesus, elevando-o do estado de dúvida para a fé plena. Neste sentido, Vignolo (1994, p. 55-56), reforça que esta confissão final de Tomé, a mais elevada do Evangelho, representa o ápice de sua transformação, quando a linguagem passa de uma expressão de dúvida a uma proclamação de fé.

Na intenção do evangelista, Tomé simboliza o ápice do período dos sinais. A tensão entre a era da presença de Jesus e o tempo dos crentes subsequentes atinge seu ponto máximo. A Tomé, o incrédulo



questionador, é concedido mais do que aos outros discípulos e aos leitores implícitos. Estes últimos, por sua vez, dependem do relato das testemunhas da Páscoa (17,20), do registro escrito no livro (20,30) e da confirmação do Espírito Santo (14,17.25-26).

O último dito de Jesus a Tomé consiste em um ato declarativo, quando profere a bem-aventurança: “Bem-aventurados¹⁰ os que não viram e creram”. Desse modo, a perícopes retrata a transição da primeira geração dos discípulos, os quais puderam ver e tocar em Jesus, para a segunda geração que aderiu à fé pelo testemunho e pelo anúncio da Palavra. Mesmo sem terem visto Jesus, também proclamam que Ele está vivo e presente na comunidade dos discípulos (Beutler, 2016, p. 583).

Esta análise revela como o texto joanino não apenas narra um evento histórico, mas também serve como uma ferramenta teológica, ensinando sobre a natureza e a necessidade da fé. A interação entre Jesus e Tomé é estrategicamente colocada para ensinar aos leitores sobre a fé que transcende a visão física, tema recorrente no evangelho de João.

A leitura pramalinguística de Jo 20,24-29 revelou como a linguagem, aliada à ação, molda a compreensão da fé e da dúvida. A interação entre Jesus e Tomé é carregada de elementos pragmáticos, onde a linguagem serve tanto para expressar a dúvida quanto para transformá-la em fé. Essa transformação se dá não apenas pela ação direta de Jesus, mas também pela maneira como ele utiliza a linguagem para alcançar Tomé, e, por extensão, a todos os que leem essa passagem.

Para João, a verdadeira fé na ressurreição não se baseia em sinais milagrosos ou aparições. A visão mais importante é a de quem reconheceu Cristo como a revelação do Pai. Essa percepção essencial vem através da pregação da palavra, que está sob a autoridade do Espírito Santo. Ou seja, o vínculo entre o crente e Cristo, e consequentemente com Deus, não depende de eventos isolados, mas sim de uma lembrança contínua da vida de Jesus, guiada pelo Paráclito. A fé na ressurreição, que é a base da Igreja, expressa-se principalmente na palavra inspirada pelo Espírito Santo, não em aparições. Portanto, a comunidade de crentes não deve se desanimar; a ausência de experiências visuais é, na verdade, uma van-

¹⁰ Bem-aventurados... “anuncia que a situação dos crentes de qualquer tempo não só não será inferior à dos discípulos aos quais ele apareceu, mas superior, porque todos os que forem capazes de acreditar sem necessidade de ver são proclamados ‘bem-aventurados’, diferentemente dos que acreditaram porque viram” (Maggi, 2013, p. 181).



tagem que lhes permite manter uma relação apropriada com seu Senhor (Zumstein, 2017, p. 952).

Ainda, agora, é Tomé quem assume o protagonismo. Ele busca certezas para acreditar. Essa é a realidade daqueles que se uniram à fé não porque viram Jesus pessoalmente ou conviveram com as primeiras testemunhas, mas porque, de alguma forma, foram cativados por Jesus. É uma situação que reflete a nossa própria experiência. Não é coincidência que tantas pessoas se identificam com Tomé. Sua declaração de fé é a mais intensa e afirmativa deste Evangelho. No entanto, tudo isso se tornou possível apenas após Tomé retornar ao convívio do seu grupo. É na vida comunitária que se estabelece o contato mais significativo com o Senhor e se é formado em uma fé sólida; é na comunidade ativa, que celebra e partilha, que o Espírito Santo se manifesta com mais intensidade, favorecendo o crescimento pessoal e a missão. É dentro da comunidade que encontramos as razões mais profundas para acreditar (CNBB, 2023, p. 103).

Conclusão

Tocar ou não as chagas do Crucificado/Ressuscitado? Esta foi a problemática abordada neste artigo, que, mediante uma leitura pragma-linguística de Jo 20,24-29, guiou a elaboração deste estudo aos leitores de hoje. Nesse sentido, com base na análise do contexto, cotexto e estrutura, nos aspectos formais e literários da comunicação e na coerência comunicativa de Jo 20,24-29, apoiada por importantes expoentes da literatura joanina, é possível concluir:

- A pragmática da micronarrativa de Jo 20,24-29 organiza as ações centrais no diálogo entre Jesus e Tomé. A afirmação de Jesus em Jo 20,29 marca o ponto central do encontro: “Porque me viste, acreditaste” (Ὅτι ἑώρακάς με, πεπίστευκας). João não menciona que Tomé tenha tocado Jesus. O que o texto claramente destaca é que Tomé não foi convencido pelo que ouviu, mas pela presença de Jesus e pela eficácia de Sua palavra. A aparição e a declaração de Cristo superaram a intenção inicial de Tomé, transformando-o imediatamente em um apóstolo que professou sua fé em Jesus como seu Senhor e Deus.
- O lugar (*locus*) do reconhecimento do Crucificado/Ressuscitado é a palavra vivenciada dentro da comunidade apostólica. Jesus



não Se revela ao “mundo”, segundo a linguagem joanina, mas dentro da comunidade daqueles que vivem a nova realidade do amor, ensinada e realizada pelo próprio Senhor, por meio do testemunho apostólico.

Portanto, se Tomé tocou ou não Jesus é questão de menor relevância. O que realmente importa é que sua incredulidade foi transformada em uma fé profunda, reconhecendo a divindade de Cristo. A lição central para os leitores contemporâneos desta perícopes é que, assim como Tomé, são chamados a crer no Ressuscitado, mesmo sem vê-lo fisicamente, pois a fé se sustenta não em provas materiais, mas na experiência do encontro com Cristo vivo nas mediações cotidianas.

Referências

ALDAY, Salvador C. *El evangelio según san Juan*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2010.

BEUTLER, Johannes. *Comentario al evangelio de Juan*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2016. Epub.

BIBLEWORKS, LLC. *Bible Works for Windows*. Versão 10.0.8.755. Norfolk: BibleWorks, LLC, 2017. 1 CD-ROM.

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. 2. ed. Brescia: Paideia Editrice, 1997. (Introduzione allo studio della Bibbia – Supplementi 2).

BROWN, Raymond. *El evangelio y las cartas de Juan*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2010.

BROWN, Raymond. *Giovanni: commento al Vangelo spirituale*. 6.ed. Assis (ITA): Cittadella Editrice, 2005.

BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Bíblia e história. Série Maior).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Uma Igreja que acredita, acolhe e envia: evangelho segundo João*. 2. ed. Brasília (DF): Edições CNBB, 2023.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006. (Bíblica Loyola, 2).



GUIDI, Maurizio. A questão contextual: a influência do contexto sobre o texto. In: GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta. *Comunicação e pragmática na exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 57-91. (Cultura bíblica).

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: SBB, 2013.

MAGGI, Alberto. *A loucura de Deus: o Cristo de João*. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção biblioteca de estudos bíblicos).

MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018. (Comentário Bíblico Paulinas).

MARTINI, Carlo Maria. *O evangelho segundo João*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *Il Vangelo di Giovanni: analisi linguistica e commento esegetico*. 4. ed. Assis (ITA): Cittadella Editrice, 2000.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *Vocabulário teológico do evangelho de São João*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MILLOS, Samuel P. *Comentário Exegetico al texto griego del Nuevo Testamento*: Juan. Barcelona: Editorial Clie, 2016.

MOLONEY, Francis J. *Il Vangelo di Giovanni*. Torino: Editrice Elledici, 2007. (Sacra Pagina 4).

MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Santo André (SP); Academia Cristã, 2014.

MORENO SANZ, Isaac. *Jesús y Moisés en diálogo: significado y función de la figura de Moisés en la obra lucana*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2021.

MURACHCO, Henrique. *Língua Grega: visão semântica, orgânica e funcional – Volume I: Teoria*. São Paulo: Discurso Editorial; Petrópolis: Vozes, 2001.

NICCACCI, Alviero. Dall’ aoristo all’ imperfetto, o dal primo piano allo sfondo: un paragone tra sintassi greca e sintassi ebraica. *Liber annuus*, v. 42, p. 85-108, 1992. Disponível em: https://www.academia.edu/6846686/1992_DALLAORISTO_ALLIMPERFETTO_O_



DAL_PRIMO_PIANO_ALLO_SFONDO_Un_paragone_tra_sintassi_greca_e_sintassi_ebraica. Acesso em: 17 ago. 2024.

PERKINS, PHEME. Evangelho segundo João. In: BROWN, Raymond.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (org.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã: Paulus, 2015. p.731-816.

PUIG, Armand. *Jesus: uma biografia*. São Paulo: Paulus, 2020.

RAINBOW, Paul A. *Johannine theology: the gospel, the Epistles and the Apocalypse*. Downers Grove: Inter Varsity Press, 2014.

SCHLIESSER, Benjamin. To touch or not to touch? Doubting and touching in John 20:24-29. *Early Christianity*, n. 8, p. 69-93, 2017.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

SETZER, Valdemar. *Albert Einstein quotes*. 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/Einstein-quotes.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2024.

SIMOENS, Yves. *Secondo Giovanni: una traduzione e un'interpretazione*. Bologna: EDB, 2000.

SWETNAM, James. *Gramática do grego do Novo Testamento: parte I – Morfologia*. São Paulo: Paulus, 2002.

TILBORG, Sjf van. *Comentario al Evangelio de Juan*. Navarra (ES): Editorial Verbo Divino, 2005. (Evangelio y Cultura, 3).

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999. (Introdução ao estudo da Bíblia, 8).

VIGNOLO, Roberto. *Personaggi del Quarto Vangelo: figure della fede in San Giovanni*. Milão: Glossa, 1994.

WALLACE, Daniel. *The basic of the New Testament Syntax: an intermediate Greek grammar*. Michigan: Zondervan, 2000.

WILCKENS, Ulrich. *Il vangelo secondo Giovanni*. Brescia: Paideia Editrice, 2002.

ZUMSTEIN, Jean. *Il Vangelo secondo Giovanni: volume II (13,1-21,25)*. Torino: Claudiana, 2017. (Strumenti 73).